

## Apresentação da amiga traída

### Betrayed Friend Presentation<sup>1</sup>

Arthur Bogéa\*

**E**stou traindo uma amiga ao revelar sua poesia – grande parte dela em espanhol – mas como esconder estes versos, que ela mostra quase com o mesmo pudor de quem desnuda o seio para amamentar um filho? Por que guardá-los, se ela consegue captar toda a essência da vida numa pergunta tão breve como **¿Dónde las rosas...?... (Nuevos Tiempos)**.

Por que escreve também em espanhol? Riscos a que um poeta se expõe, esse de querer entrelaçar outras sonoridades nos versos. Imediatamente a resposta estaria ligada à participação em um concurso hispano-americano. Mas isso não explica seus versos. O que explica é a musicalidade que transcende, sem compromissos de rimas, nas duas línguas.

---

<sup>1</sup> BOGÉA, Artur. Apresentação da amiga traída [sobre o livro de poemas *Ibéria dividida*]. *A Gazeta*, Página aberta, Vitória, p. 3, 18 maio 1980.

\* Ensaísta. Professor do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). (*In memoriam*)

**Choro/ Sonho (Desilusão)** e **olorosos/ llorosos (Noche triste)** são dois exemplos (por que chegar à exaustão?) de que tanto numa como em outra língua ela busca apenas uma poesia feita da música do silêncio que se pode encontrar no instante em que o **río** (que) **va a dar en la mar (Amargor)** e que transcende ao instante maior de **morir** (idem).

**¿Para donde? (...)** **¿Para qué?** São perguntas inerentes aos seus versos, onde lutam **centauros guerreiros (...)**! **Y no obstante hay cisnes (Nuevos tiempos)**. Estas perguntas são a origem da poesia, para esse conhecer que em versos como **El despertar termina la ilusión (Blanca ilusión)** tem ressonâncias como **La vida es sueño** de Calderón.

E, na vertente que vai da Península à Hispano-América, se encontram os seus versos, em alguma suavidade que lembra as **Canciones de Cuna**, de Gabriela Mistral (**Berceuse**), e uma infância que não dorme, mas brinca em muitos poemas de Cecília Meireles, e, como no estro da poetisa brasileira, essa minha amiga reencontra o precário da felicidade (**Desilusão**).

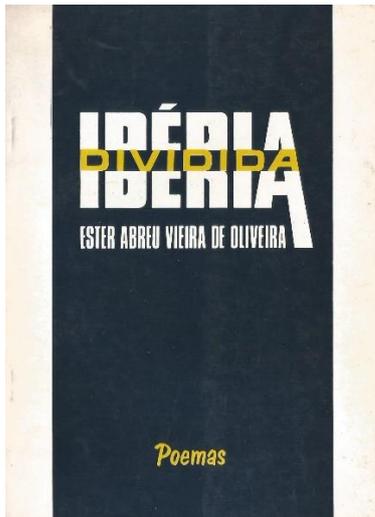
Se estas comparações ocorrem, devo dizer que minha amiga se basta nos versos que escreve. Nem sei mesmo por que sou tentado a isso. Talvez porque ela é capaz de sacar de **la nada luz y sombra (Caos)** e mais que isso juntar o eterno de uma fotografia ao precário de um instante: **tua face de rosa (À minha filha)** como enigma decifrado.

O amor é a temática maior, mesmo quando ela se desnuda no **Tique, tique, tique, tique...** de um relógio que também **sigue sonando (El cansancio)**. Valeria aqui desvendar a sensualidade dos versos de minha amiga nas cores e símbolos com que ela disfarça a paixão, numa explosão de ternura tão próxima do encantamento **de agua en cristales (Abuelito)**.

E em que cor eu poderia revelar o nome dessa amiga? Em azul, sobre um campo de sonho. Seus poemas em espanhol vêm precedidos de uma citação de Rubén (**Azur**) Darío. Essa cor e seus matizes transbordam, em português e espanhol,

nos versos que ela compõe, para lembrar que **estamos em romería** (essa rima inexistente entre o amor e morte) tudo em azul...

... Como Ester Abreu Vieira de Oliveira.



APRESENTAÇÃO DA AMIGA TRÁIDA

Estou trazido uma amiga ao revelar sua poesia – grande parte dela em espanhol – mas como escondi estes versos, não ela mostra quase com o mesmo pular de quem deslida o riso para amamentar um filho? Por que guardá-los, se vai conseguir cada boca a saciedade da vida, nunca pergunta. Não brevo como *¿Dónde las cosas...?* (Nuevos Tiempos).

Por que escreve também em espanhol? Riscos a que um poeta se expõe, está de quem entralgar outras sonoridades nos versos, imediatamente a resposta ocorre: ligada à participação em um concurso hispano-americano. Mas isso não explica seus versos. O que explica é a musicalidade que transbordou, sem compromissos de rimas, nas dadas línguas.

Choror Sonho (Desillusão) o olorosos/ Ilorosos (Noche Triste) não são oremidos por que chorar é exalar? De que tanto rama como em outra Pique ela busca apenas uma poesia bela da música do silêncio que se pode encontrar no instante em que o riso (que) vai a dar en la mar (Amargor) e que transcende ac instante melior de morte. (idem).

¿Para dónde? (...) ¿Para qué? São perguntas incógnitas aos seus versos, onde lutam centiauros guerreros (...). Y no obstante hay clausal (Nuevos Tiempos). Estas perguntas são a origem da poesia,

11

para esse estíbel que em versos como *El despertar termina la ilusión* (Blanca Ilusión) tem ressonâncias como *La vida es sueño* de Calderón.

É, na verdade que vai do Península à Hispano-América, se encontram os seus versos, em alguma situação que lembra as *Canciones de Cuba*, de Gabriel Miró, (Berenice), e uma referência que não dorme, mas brinca em muitos poemas de Cecília Meireles, e, como no caso da poesia brasileira, essa minha amiga não conta o profiro ca fatidade (Ilustração).

De estas comparações ocorrem, devo dizer que minha amiga se basta nos versos que escreve. Não sai mesmo por que sou levado a isso. Talvez porque ela é caso de amor de la mala luz y sombra (Caso) e mais que isso tanto o ponto de uma fotografia no profiro de um instante: sua face de rosa (A minha filha) como origem oculta.

O amor é sua temática mais, mesmo quando ele se oculta na *Tique, tique, tique, tique...* de um refrejo que também segue somando (El cansancio). Viena aqui desconce a realidade dos versos de minha amiga: nos cores e silmotas com que ela distica a paixão, numa explicito de lamma fio profano do encantamento de agua en cristales (Abuelito).

E em que cor ou poesia revelar o nome dessa amiga? Em azul, sobre um campo de sonho. Seus poemas em espanhol vêm precedidos de uma citação de Rueda (Azul) Carlo. Essa cor e seus matizes transbordam, em português a seguir, nos versos que ela compõe, seja porque **estamos em romería** (essa rima inexistente entre o amor e morte) tudo em azul.

— Como Ester Abreu Vieira de Oliveira, (BOGÁ, Arthur. Apresentação da amiga traida).  
A Gazeta, Vitória, 16 de maio de 1996. Página aberta, p.3, 4,5c.

12

Capa de *Ibéria dividida* e texto de Arthur Bogéa.